

humanitas

Vol. XLI-XLII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLI-XLII



COIMBRA

MCMLXXXIX-MCMXC

CATALDO, A INFANTA D. JOANA E A EDUCAÇÃO DE D. JORGE *

Cataldo Parisio — uma das personagens da palestra de hoje — nasceu na Sicília e daí o terceiro termo do seu nome próprio Cataldus Parisius Siculus. Nunca se chamou Aquila, como já provei em diversas ocasiões. *Aquila* é o nome de um livro seu e também mostrei em tempos como *Aquila* se introduziu no seu nome, por um erro cometido pelo humanista António de Castro, na segunda metade do século XVI.

Cataldo, em versos latinos, declarou-se nascido no mesmo ano do rei D. João II. O verso pode não ser muito preciso, mas numa carta em prosa, escrita em 1497, declarava-se de idade de 42 anos, nascido portanto em 1455. Assim sendo, era realmente da idade do soberano e, portanto, mais novo do que a Princesa D. Joana, irmã do Rei, nascida em 1452.

Não se justifica, por isso, a qualificação de «velho humanista» que o Dr. Domingos Maurício lhe dá algures (1).

Quando em 1487 (2), começou a ensinar D. Jorge, filho bastardo de D. João II, teria 32 anos e a princesa 35. Mas também é possível, embora menos provável, que o seu ensino de D. Jorge tenha começado no ano anterior.

* Conferência inaugural das “Comemorações dos 500 anos da morte da Infanta e Princesa Dona Joana”, feita na Universidade de Aveiro, sob a presidência do Reitor, Prof. Doutor Joaquim Renato Ferreira de Araújo, em 10 de Maio de 1990.

(1) Domingos Maurício Gomes dos Santos, *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Lisboa, Companhia dos Diamantes, p. 109 n. 20.

(2) Hic amor, haec pietas octo deduxit ad annos,

Hanc spretam nullo munere canitiem.

O termo *ad quem* é o ano de 1495, do qual deduzindo oito anos, nos encontramos em 1487.

Estes versos pertencem à «Querimonia ad Ioannem Emmanuelem», *Poemata*, fol. k vijj rº.

Luís de Matos (3) deu Cataldo como chegado a Portugal em 1486. Com argumentos que não vou repetir aqui, antecipei-lhe a chegada para 1485 (4). Antes deste ano, é difícil que tenha acontecido, porque Cataldo doutorou-se em Ferrara — não em Bolonha, como geralmente se escreve — em 21 de Fevereiro de 1484.

Quando Cataldo começou a ensinar latim a D. Jorge, o filho de D. João II sabia já ler, pois conhecemos o nome do seu mestre, o escudeiro Martim Afonso, por um documento que pode ver-se no vol. IX do *Chartularium Vniuersitatis Portucalensis*.

Dos versos que Cataldo dedicou à Infanta D. Joana, darei agora os títulos e um apanhado do seu conteúdo. Evitarei traduzi-los por completo aqui, a não ser um ou outro, porque pertencem ao material em que parcialmente se baseia um trabalho mais amplo. Dou os títulos desses pequenos poemas que vêm no livro I dos *Epigramas* (5), colocados depois dos epitáfios do Príncipe D. Afonso, falecido da queda de um cavalo, nas margens do Tejo, em frente a Santarém, no dia 13 de Julho de 1491. Como a Infanta morreu em 12 de Maio de 1490, vê-se que não houve preocupações cronológicas na sua colocação no referido livro I dos *Epigramas*.

Eis os seus títulos: 1) *Ad ioannam regiam sororem: vulgo infantam: de variis petitoribus: et quo modo sit vivendum*: «A Joana, irmã do rei, em vulgar a infanta: sobre os vários requerentes e como deve viver-se». São 34 dísticos elegíacos, num total de 68 versos dactílicos. É certamente o poema mais interessante e a ele me referirei posteriormente.

2) *De quodam Indio*: «Sobre um certo Índio». São 6 dísticos, portanto 12 versos, também dactílicos. Aliás, o único ritmo usado por Cataldo, nos milhares de versos que escreveu, foi o dactílico. Este «índio» é um pedinte mal agradecido que, por intermédio de Clara, isto é D. Clara da Silva, pediu esmola à Princesa. Saciada a fome, desdenhou do auxílio.

(3) «Nótulas sobre o humanista italiano Cataldo Parísio Sículo», *A Cidade de Évora*, Évora, 35-36 (1954), 2-13.

(4) *Cataldo Parísio Sículo: Epistolae et Orationes*. Edição fac-similada (*Epistole Cataldi*). Introdução de Américo da Costa Ramalho. Por Ordem da Universidade, Coimbra, 1988, p. 10.

(5) *Poemata Cataldi*, fols. o ij-o v.

3) *Ad Caterinam*: «A Catarina», certamente D. Catarina da Silva, uma das aristocráticas companheiras da Infanta. Em 3 dísticos, ainda a magna questão das esmolos de D. Joana.

4) *Ad Ioanam regiam sororem: qualiter dandum*. O mesmo tema em dois dísticos.

5) *Ad eandem ut provideat pestilentiae*: «À mesma (isto é, à Infanta), para que tome providências contra a peste», 3 dísticos.

6) *Ad eandem aegrotantem*: «À mesma, estando ela doente», 7 dísticos.

7) *Ad eandem*: «À mesma», um dístico.

8) *Ad eandem*: «À mesma», dois dísticos.

9) *Ad eandem*: «À mesma», dois dísticos.

10) *Ad eandem de susceptione aegrotationis in se ipsum*: «À mesma sobre a transferência da doença para si próprio», 19 dísticos.

Este poema, para além da oferta irrealista que o poeta faz a Deus da própria vida, em troca da vida da princesa, e que esta naturalmente não tomou a sério, contém uma referência a Aveiro. Cataldo regozija-se com o espectáculo antecipado do transporte do seu próprio cadáver pelas ruas de Aveiro, rodeado das homenagens e pranto dos circunstantes:

Et quando auerio ferretur inane cadauer.

Mas note-se o tempo e modo do verbo, *ferretur*, o imperfeito do conjuntivo. Cito apenas um dístico:

*Si morerer: multo multoque beatior essem:
Maxima de nostro funere fama foret.*

«Se eu morresse, seria muito e muito mais feliz,
Seria a maior a fama resultante do meu funeral»

Morerer...essem...foret: verbos no irreal...

Continuando o apanhado dos poemas:

11) *Ad eandem*: «À mesma», cinco dísticos. O mesmo assunto do poema anterior. Cataldo lamenta não poder dar anos da sua vida em troca de vida mais longa para a Princesa. Agora, porém, acrescenta que o *nepos*, o sobrinho D. Jorge, faria o mesmo; e outro tanto

fariam as irmãs (*sorores*) Clara e Catarina e, afinal, *cuncta turba*, a «multidão inteira».

12) *Ad eandem*: «À mesma», três dísticos. Um pequeno poema, afectuoso, em que o poeta se queixa da tristeza de não ver D. Joana, e exprime a alegria que sente em falar com ela. Coisa parecida, aliás, escreveu Cataldo a respeito do soberano, irmão da Princesa (6).

13) *Ad eandem*: «À mesma», dois dísticos em que o humanista declara que a doença da Princesa lhe entenebrece o espírito e termina:

at te

Lux mea cum primum uidero: sanus ero

«Mas luz minha, logo que eu te veja, ficarei são.»

14) *Ad eandem de tuendo a frigoribus Georgio*: «À mesma sobre a necessidade de proteger do frio, Jorge», oito dísticos.

Este pequeno poema tem muito interesse, porque nos deixa entrever que a irmã de D. João II educava o sobrinho com certa dureza e desconforto, de que naturalmente ela participava também. Esta observação ganha mais força, se nos lembrarmos de que Cataldo era partidário da educação dura e vigorosa dos rapazes e lamentou, mais do que uma vez, o excesso de mimos de que as mães portuguesas da aristocracia rodeavam os filhos.

Há nos versos algo de carinhoso em relação ao pequeno D. Jorge: *puero teneroque ... spiritulus*.

15) *Ad eandem*: «À mesma». Finalmente, o décimo quinto e último epigrama, em cinco dísticos, sobre que direi mais alguma coisa adiante.

Ao todo, 210 versos dactílicos, depois dos quais se não encontra mais nenhuma referência à filha de D. Afonso V, em toda a abundante obra de Cataldo Parísio.

Qual a impressão que nos deixou o humanista a respeito da Infanta D. Joana?

Cataldo sugere que a sua caridade é um pouco ingénua e que a princesa é explorada por uma legião de trapaceiros: falsos peregrinos a Roma ou a Jerusalém, falsos náufragos, falsos estudantes, frades de

(6) Cf. o epigrama que começa *Mirabar cur tristis eram*, em *Poemata*, fol. p ij vº

má vida, aleijados fingidos, mutilados de guerra que nunca combateram, criminosos da mais variada extracção, todos se dirigem ao Mosteiro de Jesus onde é priora — diz Cataldo — a nobre Clara da Silva:

*Clara ex siluarum generosa gente creata:
Et praefecta iesu sacra monasterio*

Dirige-se a Aveiro mesmo quem é digno da força e da fogueira, e com rosto audaz pede por amor de Deus:

*Auerium properat: furcis qui dignus et igni:
Intrepido uultu poscit amore dei.*

Cataldo exorta a princesa a favorecer apenas os verdadeiros pobres, os doentes, os velhos e aqueles a quem não é decente, ou não podem, por falta de forças, viver do suor do seu rosto.

Explica a afluência de mendigos a Aveiro, deste modo:

«Já voa grande fama pelas cidades da Hispânia, de que neste lugar farto (*pingui loco*) tu resides, ó divina Joana, filha, irmã, neta, bisneta, e para além ainda, de reis»:

*Ingens Hispanas uolitat iam fama per urbes:
Degere te hoc pingui, diuina ioanna, loco
Nata: soror: neptis: regisque proneptis: et ultra.*

E continua: «Brilha aos olhos dos príncipes de toda a parte. Tens a reputação de dar generosamente e de boa vontade muitas esmolas aos pobres, e de sofrer quando não podes ajudar os desgraçados»:

*Effulges magnis undique principibus.
Pauperibus fereris largiri multa libenter
Quae doleas: miseros quando iuuare nequis.*

Aconselha a princesa a ser judiciosa na escolha dos seus protegidos e termina: «Quanto agora te disse em verso, se alguém tentar refutá-lo, não o faz por teu bem, mas quererá os teus presentes. Acredita que te

não engano e sou teu fiel servidor. Amo-te, por ti própria; não te amo pelos teus bens»:

*Quae tibi nunc cecini: qui dicta refellere tentet:
Non facit propter te: tua dona volet.
Haec ego (nec fallo), seruo mihi crede fideli:
Te: te propter: amo: non tua propter: amo.*

Este amor de Cataldo pela princesa provocou reparos ao bom Dr. Domingos Maurício que, aliás, devia pensar que se tratava de um caso de senilidade piegas do humanista, pois estava convencido de que Cataldo era velho. Mas Cataldo era mais jovem do que a Princesa.

Vejamos dois dos epigramas (os n.ºs 8 e 9):

«A fama voa de que finalmente tu, minha vida, estás bem. Assim, me voltou também a mim a saúde antiga. Vá, deixa que os meus olhos te vejam, para que as saudades me não atormentem, para que eu não morra.»

*Fama uolat: tandem nunc te, mea uita, ualere:
Estque mihi misero reddita prima salus.
Eia age te nostris oculis permitte uideri:
Ne desiderio torquear: et peream.*

«À Mesma:

Quem nunca foi capaz de compôr um verso, se te visse, na tua beleza, logo escreveria mil cantos.

Portanto, quem sabe compor versos, de ti inventará não só outros tantos, mas cem vezes mais:»

Ad Eandem

*Qui nunquam potuit uersum componere: si te
Vidisset forma hac: iam carmina mille notasset.
Ergo qui nouit uersum componere: de te
Non solum totidem: sed centum millia condet.*

Por vezes, há uma sensível nota de melancolia, como no começo daquele poema um pouco mais longo em que o poeta oferece a sua vida pela da Princesa:

«Ontem Catarina, com boas palavras, contou que a senhora já não lia verso algum. Catarina ansiosa porque ela estava de cama com súbita febre e mal dava acordo de si»:

*Hesterno Catarina die sermone benigno
Rettulit a domina carmina nulla legi.
Anxia propterea subita quod febre cubaret:
Et quod uix fieret copia parua sui.*

D. Clara e D. Catarina pertenciam à família do conde de Abrantes e sobre ambas se encontram mais amplas referências no belo livre do Monsenhor João Gonçalves Gaspar, *A Princesa Santa Joana e a sua época-1452-1490*, p. 193 e outras (cf. o índice onomástico).

Estas efusões de afecto não devem escandalizar-nos. O ar de confiança e de intimidade é um pouco causado pelo tratamento por «tu» dos humanistas. Por outro lado, Parísio era italiano e, se não conheceu o *Canzoniere* de Petrarca na Sicília natal, leu-o certamente em Bolonha, Ferrara, Siena ou Veneza, cidades onde se demorou mais ou menos tempo. O sentimento dos seus versos é petrarquista.

Este amor sem posse carnal não esquecia o sentido das distâncias. Assim no poema em que recomenda a D. Joana que tome providências para defender os súbditos da peste, a invocação reza:

«Ó tu que a meus olhos és a rainha das rainhas, como o pastor guarda as ovelhas, assim guarda tu o teu povo!»

*O reginarum mihi quae regina uideris:
Pastor oues seruat: tuque tuum populum.*

Mas no momento final, decerto mais perto da morte, a princesa cortou de vez com esta adoração poética em latim:

*Ad Eandem
Cum sis docta nimis: cum sis uirtutis amatrix
Cum teneas altae Palladis ingenium,
Nescio cur placidas non uis admittere Musas,*

*More nec assuet porrigere auriculas.
 Altera iam poterit de causis esse duabus
 Quarum (subdubito) sit minus utra uelim?
 Seu quod displiceant uelut absque lepore Camenae:
 Siue quod ex imo corde tibi excidimus.*

«À Mesma

Sendo tu muito douta, sendo tu amante da virtude, e dotada do engenho da celeste Palas,
 Não sei porque não queres receber as brandas Musas nem lhes prestas ouvidos, como costumavas.
 Poderá a causa ser uma destas duas, de que tenho alguma dúvida, sobre qual eu não desejaria?
 Ou porque as minhas Camenas te desagradam, como sem graça, ou porque caí do fundo do teu coração.»

E de facto o coração de D. Joana fechara-se para o mundo e ela esqueceu mesmo Cataldo no seu testamento onde beneficiava variados servidores.

Poderemos chamar interesseiro ao humanista? Creio que não mais do que qualquer outra pessoa normal.

No epigrama atrás mencionado, com o título de «A D. Joana, irmã do rei, sobre como deve dar-se», Cataldo escreveu:

«Aconselho que dêes aos teus, mas não a todos por igual.
 Darás pouco a um conhecido e mais a um servidor.
 Oferece também a estrangeiros, mas com esta condição:
 Ou nada ou muito, para que a tua fama não padeça».

Ad Ioannam regiam sororem: qualiter dandum.

Esse tuis dandum moneo: non omnibus aeque:

Pauca dabis noto pluraque seruitio.

Porrige et externis: hoc his sed porrige pacto:

Aut nihil, aut multum, ne tua fama minor.

Os humanistas acreditavam no seu poder de conferir glória na recordação dos homens, porque para eles o latim era a língua da eternidade. Em troca da glória que proporcionavam, não é muito que esperassem recompensas materiais. No caso presente, D. Joana deve

a Cataldo a sua fama de mulher instruída, conhecedora do latim, capaz de ler versos latinos. Deve-lhe mesmo o encontrar-me eu aqui a falar dela, neste momento.

Parece não ter recompensado o poeta pelos seus versos, ao contrário do que este certamente esperava, segundo os hábitos de Itália. Não podemos, por isso, surpreender-nos se ele a esqueceu.

Há mesmo nesse esquecimento, um aspecto que me impressiona.

Cataldo escreveu cinco longos poemas em versos elegíacos, os mesmos dísticos em que celebrou a princesa, e chamou-lhes *Visiones* ou *Visões*.

A «visão» era um género que vinha da Idade Média e continuou pelo Renascimento fora, proporcionando imaginariamente o convívio entre os homens vivos e os mortos. Assim, numa dessas *Visões*, Cataldo conta que D. Jorge deu uma queda do cavalo e perdeu os sentidos durante muito tempo.

Esse desastre, quando andava à caça, despertou memórias dolorosas do passado, a queda em Julho de 1491, nas margens do Tejo, igualmente de um cavalo, de seu irmão, o príncipe herdeiro D. Afonso.

A queda sofrida por D. Jorge foi na mesma região, nos campos de Almeirim, localidade ribatejana onde a família real possuía uma residência de Verão. A corte aí se encontrava em 1505, fugida à peste, e não apenas a passar férias, pois se estava num Dezembro, seco e frio:

Certa dias aderat rigidi siccique Decembris.

A data é dada em Cataldo pela idade de D. João, filho primogénito de D. Jorge, e futuro primeiro duque de Aveiro:

Nam primogenitus facie sermone Ioannes

Nomineque extabit alter annus.

Quinque puer qui cum nondum compleuerit annos

Priscorum ingeniis plurima digna sapit.

«É que o primogénito João, no rosto, na fala e no nome apresentar-se-á como outro avô.

Ainda não completou cinco anos e sabe muitas coisas dignas do engenho dos antigos.»

Diga-se de passagem que este elogio ao futuro duque de Aveiro, justifica-o Cataldo por recitar a criança versos latinos e saber as letras

gregas, quando ainda não tinha cinco anos. Tudo isto, segundo Cataldo, na referida *Visão Quarta*.

Mas voltemos à queda do cavalo, sofrida por D. Jorge, seu pai, nos campos de Almeirim, em Dezembro de 1505. D. Jorge fica inconsciente e, enquanto assim permanece, acontecem coisas extraordinárias. Durante a noite, há uma luz estranha e ouvem-se vozes misteriosas que recomendam D. Jorge ao rei D. Manuel. Pelo timbre dessas vozes e pelas palavras que dizem, é possível reconhecer o rei D. João II e o príncipe D. Afonso que vieram do céu recomendar o filho de um e o irmão de outro a D. Manuel.

Em resposta, o Rei faz o elogio de D. Jorge e proclama o seu afecto de pai e de irmão pelo filho bastardo de D. João II. A *Visão Quarta*, dedicada a D. Jorge, tornou-se, deste modo, um poema encomiástico em seu louvor.

É estranho que o humanista tenha deixado no esquecimento a santa da família, a virtuosa princesa que educara em Aveiro o sobrinho D. Jorge.

Mas compreende-se. Havia não apenas o ressentimento de Cataldo, mas também, provavelmente, o de D. Jorge.

O filho de D. João II e de D. Ana de Mendonça suportou com alguma dificuldade os rigores do seu preceptor italiano. Rigores, aliás, necessários, porque o rapaz era travesso.

No poema em que fala à infanta «dos vários requerentes e de como deve viver-se», Cataldo tem uma alusão ao carácter difícil de domar de D. Jorge:

Quodque nepos aegre peregrino interprete gaudet:

Confisus proprii viribus ingenii:

Fallitur: ac dubius rapidis errabit in undis

Consilio vitam ni sapientis agat.

Et minimi summiq; uiri sapiente ministro

Cuncta gerunt, sine quo grandia facta cadunt.

«E quanto a não sentir o teu sobrinho muito contentamento com o seu mestre estrangeiro, é engano seu, confiado que está nas forças do próprio engenho. Vagueará indeciso nas rápidas águas, se não conduzir a sua vida pelo conselho de um homem prudente. Grandes e pequenos tudo fazem com um servidor experiente por guia, sem o qual grandiosos feitos se arruñam.»

Este passo foi totalmente incompreendido pelo Dr. Domingos Maurício Gomes do Santos na comunicação que apresentou ao «XXVI Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências», no Porto, em Junho de 1962, e mais tarde leu em Coimbra, na Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. O título da comunicação do Dr. Domingos Maurício é «Cataldo Áquila Parísio Sículo e a princesa Santa Joana». Pode ler-se nas *Actas* desse Congresso.

A severidade de Cataldo para com os seus discípulos em geral, e com D. Jorge em particular, é conhecida. Basta ler as suas cartas e os seus versos.

No caso de D. Jorge, há mesmo o testemunho de um estrangeiro, o Dr. Jerónimo Münzer, um alemão que em 1494 esteve em Portugal. Falando de D. Jorge, depois de recordar que ele era, na altura, o único filho vivo de D. João II, após a morte do herdeiro em 1491, escreve em latim, relativamente pedestre, que traduzo: «Tem o rei um filho bastardo, D. Jorge, adolescente de 13 anos, tão inteligente, tão douto em recitar poetas que para a sua idade mais não pode desejar-se. Esse Jorge tem por preceptor o doutíssimo Cataldo Sículo de Parísio, grande orador que me cumulou de gentilezas. Este adolescente seria bem digno do ceptro régio, pela excelência do talento e costumes. Quando era mais novo e rebelde ao preceptor, Cataldo tratou-o com mais rudeza do que é hábito, com ameaças e pancadas. E assim lhe quebrou os maus costumes. Agora é ele quem diz publicamente: a dureza de Cataldo foi-me útil.

E o que é mais, é um adolescente cultivadíssimo e bom conhecedor, para a sua idade, de Horácio, Virgílio e outros autores. Era também perito em compôr versos.» (7) Utilizei o testemunho deste diário, pela primeira vez, num artigo publicado em 1965.

Diga-se de passagem que os versos devem ser latinos, pois de outros, isto é, portugueses nada entenderia o Dr. Münzer.

Ora, quando um preceptor como Cataldo, que não hesitava em usar a violência como processo de ensino, acha dura e rigorosa a Infanta, não é natural que a opinião do educando fosse mais favorável.

(7) A tradução do latim é minha sobre o texto publicado por Basílio de Vasconcelos, *Itinerário de Jerónimo Münzer (Excertos)*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

A tradução de Vasconcelos não é excepcional e o texto não oferece confiança.

Depois da morte de D. João II, em 1495, D. Jorge sacudiu, definitivamente, o jugo imperioso do seu mestre (8). Tinha o rapaz 14 anos, idade que então era considerada mais adulta do que hoje.

Queixando-se a D. João Manuel, da ingratidão do antigo discípulo, Cataldo escreve, em dísticos elegíacos:

«Ó quantas, quantas vezes, a mil perigos o arranquei, levando-o corajosamente nos meus ombros!

Tomo, por testemunha, Aveiro, por testemunha o mundo e Deus, e os lugares por onde muitas vezes andámos os dois.

Eu que era o preceptor, já tinha o nome de mãe e o de pai. Oh como tenho vergonha de dizer o que sofri!

Fui também o seu médico, contra o frio e a chuva e contra o calor. Removi a dureza (*aspra*) de sua tia!»

O quotiens illum, quotiens a mille periculis

His humeris presum fortiter eripui!

Auerium testor, testor mundumque deumque

Et loca per quae aditus saepe fuit geminis.

Qui praeceptor eram, matris iam nomen habebam:

Et patris ah pudor est: dicere quanta tuli.

Meque etiam gessi medicum: pro frigore et imbre

Proque calore amitae mouimus aspra suae.

(*Poemata Cataldi*, fol. K, vij vº)

Anos mais tarde, no *Verus Salomon Martinus*, poema em honra de D. Martinho Castelo Branco, futuro conde de Vila Nova de Portimão, recordava de novo o tempo em que trazia D. Jorge às cavaleiras, lembrando

Et quem ductaui manibus colloque sedentem

Gestaui gaudens per loca amoena meo.

(*Visionum Cataldi*, fol. g ij)

(8) Ocupi-me desta fase tempestuosa das relações de Cataldo com o seu discípulo em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969. Ver no «Índice de nomes próprios» as referências a D. Jorge (filho de D. João II).

«Também aquele a quem constantemente conduzi pela mão e transportei alegremente, sentado no meu pescoço, por lugares amenos».

Estes *loca amoena* pertencem, naturalmente, à paisagem de Aveiro.

A propósito, lembrarei que o poema *Martinho, verdadeiro Salomão* foi traduzido e estudado, como tese de licenciatura, pela Dr.^a Dulce da Cruz Vieira, professora da Escola Secundária de José Estêvão, em Aveiro. Foi publicada a tese com o mesmo título pelo Instituto de Estudos Clássicos, da Faculdade de Letras de Coimbra, em 1974.

Um motivo de queixa de Cataldo é a prodigalidade insensata de D. Jorge, talvez por não beneficiar dela. Mas a prodigalidade existiu e foi observada por outros contemporâneos, além de Cataldo.

É possível que anos mais tarde D. Jorge também achasse que a aspereza da tia lhe fizera bem. Mas não esqueçamos que o ostracismo de Cataldo se verificou já depois de o seu pupilo ter tido com o Dr. Münzer a conversa de que atrás falámos.

Em qualquer caso, por volta de 1500, quando D. Jorge casou com D. Beatriz, filha de D. Álvaro, irmão do Duque de Bragança, D. Fernando, outrora justicado em Évora por vontade de D. João II, a reconciliação do discípulo com o mestre tinha-se verificado. Cataldo dedicou a D. Beatriz um «epithalamium» onde é feito largamente o elogio da família da noiva, isto é, da Casa de Bragança. Esse elogio chega ao ponto de, um tanto heterodoxamente, comparar D. Filipa, mãe da noiva, com a Virgem Maria, lembrando o famoso poema de Montoro sobre Isabel a Católica. Discuti o caso no meu livro *Para a História do Humanismo em Portugal — I* (9).

E na correspondência, no livro II das *Epistolae*, pode ler-se esta carta (B ij):

«Cataldo ao Mestre e Duque seu senhor

Glória a Deus nas alturas e na terra paz e vida ao Duque meu senhor. Ao receber a tua carta, sem a abrir, sem a ler, perguntei ao correio pelo parto da minha senhora. Respondeu-me que já eras pai de um rapaz. Ó alegria imensa! Ó satisfação extraordinária de Cataldo! Abracei o portador da carta, beijei-o, ofereci-lhe a casa e quanto tinha. Eu bem te disse no ano passado, se bem o conservas na memória: se te unires

(9) No capítulo «O Cancioneiro Geral e Cataldo», p. 23-30.

a esta esposa, dentro de um ano, com a graça de Deus, darás ao rei João um neto. E quando tal vir, partirei desta vida. Agora, porém, não quereria morrer, se não depois de ver a alegria na tua face e de beijar a mão do teu menino.»

A carta continua ainda com algumas informações de que adiante farei menção e termina no mesmo tom afectuoso.

Este menino, que terá o nome de seu avô, é D. João, o futuro 1.º duque de Aveiro.

E já que me encontro a falar de Aveiro, talvez valha a pena chamar a atenção para algumas incorrecções do artigo referido do Dr. Domingos Maurício, no seu tempo um investigador de mérito, mas, como todos nós, sujeito a errar.

Ao contrário do que pensava o ilustre jesuíta, Cataldo nunca foi casado nem pai de três filhos, como ele escreveu. Terá tido uma filha bastarda, mas os três filhos são uma invenção do italiano Guido Battelli (10) que não percebeu que os *tres pueri* eram «três escravos».

Também o verso em que Aveiro aparece como um lugar em que o humanista morre de tédio,

Oppidulo hoc quantum maestitiae capio!

não se refere a Aveiro, mas a umas termas onde Cataldo foi tratar-se, possivelmente Caldas da Rainha. É aí que na fauna dos frequentadores «não faltam bobos, comediantes, valdevinos, prostitutas. Para aqui voa todo o género de celerados»:

*Non scurrae, mimi, nebulones scortaque desunt
Huc sceleratorum conuolat omne genus!*

A sequência do poema a que pertencem estes versos mostra que D. Jorge estava na corte e já tinha deixado Aveiro. O poema é dirigido ao rei D. João II a quem Cataldo recomenda:

«Que teu filho não se descuide em preparar todos os dias cem versos de Horácio!

(10) Num artigo publicado em *O Instituto*, vol. 79, Coimbra, 1930, p. 182-202. Discuti o caso em *Estudos sobre a Época do Renascimento*, («Ver» «Índice dos nomes próprios», s.v., *Battelli*).

Se me curar, escreverei da virtude destas águas quentes e cantarei estes lugares sagrados em ritmos não ligeiros!»

*Filius interea non praetermittat Horati
Quotidie centum carmina construere.
Si curabor, aquas scribam uirtute calentes,
nec leuibus numeris haec loca sacra canam.*

(*Poemata*, fol. o, vij)

Enfim, digamos que Cataldo não foi um grande humanista à escala europeia, mas foi mais útil a Portugal, com a sua vocação de professor compenetrado da grandeza do seu papel num país a desbravar intelectualmente, do que se tivesse sido um pensador desdenhoso e distante em terra de bárbaros.

E a Infanta D. Joana não sai diminuída dos seus versos mas, para além das suas virtudes cristãs, surge ante os nossos olhos como uma mulher bela, sensível, inteligente e culta, uma senhora do Renascimento, com a preparação intelectual da elite da Europa da sua época. E isto, quase meio século antes da corte brilhante da famosa Infanta D. Maria, filha do rei Venturoso, sua prima em segundo grau ou sua sobrinha, como então se dizia.

A princesa e o humanista, um bom tema de reflexão numa conferência de homenagem à santa tutelar de Aveiro.

Gostaria agora de ocupar-me do Senhor D. Jorge, tanto mais que sinto alguns remorsos da forma como o tratei em 1969, no meu livro *Estudos sobre a Época do Renascimento*, em que recolhi trabalhos anteriores a esse ano. Tudo o que então escrevi está certo e não tenho qualquer razão para o alterar, em relação ao período da vida de D. Jorge, a que se refere, isto é os anos que seguiram imediatamente à morte de seu pai, o rei D. João II. Vimos, atrás, como a situação mudou, ou era diferente, quando D. Jorge casou em 1500 com D. Beatriz, sobrinha do rei D. Manuel.

A carta sobre o nascimento de D. João, filho primogénito de D. Jorge, de que traduzi a parte relativa a esse feliz acontecimento, termina assim: «Logo que eu conclua umas coisas de que o rei me encarregou, relativas à entrada da rainha nesta vila, irei ter contigo, o mais depressa possível. E assim será, se o meu coração conseguir suportar essa pequena demora; caso contrário, sem concluir a tarefa que me foi cometida, voarei para ti mais rápido do que o Cauro e o Noto. Adeus.»

As «coisas» (*quaedam*), de que Cataldo tinha sido encarregado pelo rei D. Manuel, eram o discurso de entrada solene em Santarém, na carta chamada *oppidum*, da rainha D. Maria, com quem casara, no ano anterior, em 1500. Cataldo escreveu o discurso que se encontra exactamente neste 2.º livro das *Epistolae*, mas nunca chegou a pronunciar-lo. Todavia, publicado, deu reputação europeia à actual cidade de Santarém.

O Cauro e o Noto são nomes de «ventos», entidades que entram também nas congeminações poéticas do humanista.

O livro 2.º da correspondência contém outras cartas a D. Jorge e a pessoas com ele ligadas, como a duquesa de Coimbra, sua mulher, e ainda a seus tios, irmãos da mãe, Jorge Furtado e António de Mendonça.

Dirigidas directamente ao Duque, há várias, por vezes, simples bilhetes, com reflexões ou recomendações ou queixas.

Por exemplo, esta carta que começa: «Cataldo ao Mestre e Duque, seu Senhor, Saúde:

«Não há na terra *φιλανθρωπία*, isto é, *humanitas*; foi para o céu com Jesus Cristo. Para que serve procurar a mezinha, quando o doente está perto de expirar? Quando Cataldo morrer, quererás socorrê-lo e não poderás» (*Ep. II, C ij*).

Cataldo, depois deste começo dramático, queixa-se de que o Duque não só lhe não paga, mas lhe deu más instalações no bairro dos judeus, numa casa que, além de ser pequena, deixa entrar a chuva, «o lugar mais contrário possível à poesia e à composição literária, *quo loco nullus poesi operumque compositioni posset magis inueniri contrarius.*»

Note-se que a palavra *φιλανθρωπία* «amor pelos homens» é uma das componentes da noção de *humanitas*, a outra sendo *παιδεία* «a cultura». Por outro lado, a não ser na significação, pouco tem a ver com a *philantropia* dos positivistas do século XIX. No século XVI, a sua tradução latina era *caritas*.

Depois desta epístola, a reclamação de Cataldo certamente foi satisfeita, pois noutra missiva latina ao Senhor D. Jorge declara-se radiante com as instalações «*comodissimas amoenissimasque*» onde habita. Só que, não lhe pagam a diária como aos outros dependentes da casa ducal, mesmo aos pretos «*cum cernam omnibus alumnis tuis etiam aethiopibus solui; soli Cataldo negari diaria.*» (*E, 5 vº*)

Não faltam aqui a que chamarei os bilhetes. Por exemplo, este que vem no seguimento de mais dois, todos ao «Mestre e

Duque»: «Desejo desaparecer e existir em Cristo. Que a Esposa seja tua amiga, Vénus inimiga! Que a alegria te seja familiar, mas a tristeza ande muito longe de ti! E porque da tua saúde depende a saúde de muitos, esforça-te, com o maior cuidado, por sempre passares bem, para aborrecimento dos médicos. Adeus.»

Para quem conhece alguma coisa da vida amorosa do duque D. Jorge, principalmente depois da morte de D. Beatriz em 1535, aquela recomendação inicial a respeito do uso de Vénus, é significativa: vários bastardos e o amor senil por D. Maria Manuel, dama da corte, cinquenta e um anos mais nova do que D. Jorge, confirmam os receios de Cataldo e mostram que ele conhecia bem o discípulo.

Só mais um destes bilhetes, agora a D. Beatriz:

«Cataldo à Ilustríssima Duquesa de Coimbra/ Quanto sofri por causa daquela alma que exulta de felicidade entre coros de anjos, escrevi ao Duque, com maior extensão. Praza a Deus consolar-te, como são meus votos. Desejo muitíssimo ver João, o teu primogénito. Sobre o meu regresso a Santarém nada sei ao certo. Violante de Castro beija as tuas mãos. Nada mais por hoje. Adeus».

A carta mais longa a D. Jorge sobre o mesmo assunto não foi impressa, mas é óbvio que se trata do falecimento de um filho pequeno. Violante de Castro não sei quem é.

Uma das questões debatidas no tempo em que Cataldo ensinava o Senhor D. Jorge foi a sucessão do trono. Há provas inequívocas de que D. João II, depois da morte do filho legítimo D. Afonso, preferia que lhe sucedesse o outro filho D. Jorge, a ver sentado no trono seu primo e cunhado D. Manuel.

Há muitos anos que estou convencido de que a missão de D. Fernando de Almeida, bispo de Ceuta, em Roma em 1493, não foi apenas a de saudar o novo papa Alexandre VI, na sua elevação ao sólio pontifício, mas também a de negociar a legitimação de D. Jorge e lhe preparar a sucessão do trono. De resto, o partido contrário tinha na cúria papal um aliado poderoso em D. Jorge da Costa, «cardinalis ulyxbo-nensis», que estava nas melhores relações com o novo Papa e não tinha boas lembranças de D. João II. Isso não impediu que o rei lhe escrevesse a recomendar o seu legado. Assim, D. Fernando de Almeida, irmão do futuro vice-rei da Índia, D. Francisco de Almeida, e do bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, todos filhos do conde de Abrantes,

partiu para Itália, levando consigo um impressionante número de cartas de recomendação, redigidas em latim por Cataldo e publicadas em *Epistolae I*. Desde o papa Alexandre VI e seu filho César Borgia, então ainda cardeal, até a variados membros da cúria, o Rei de Portugal a todos pede apoio para as questões que o bispo de Ceuta vai tratar. Por uma dessas cartas, a dirigida ao cardeal de S. Dinis, ficamos a saber que D. Fernando e o cardeal tinham sido colegas de estudo, primeiro em Paris e depois em Itália.

A figura de D. Fernando de Almeida está por estudar. Envolvendo-se nos negócios dos Bórgias, uma das suas últimas missões foi a de legado do Papa em 1498, na anulação do casamento do rei de França, Luís XII, tarefa sobre todas antipática. Viria a morrer em fins de 1499 em Forlì, talvez de morte natural.

Em Cataldo, o nascimento de D. Jorge foi justificado no final do canto IV do poema *Aquila*, como uma imposição do Céu a D. João II, depois de uma aparição em sonho no estilo das *Visiones*. D. Jorge teria sido gerado fora do matrimónio, com a aprovação prévia do Conselho Real e a da própria rainha D. Leonor que se teria comportado como Sara quando incitou Abraão a fazer um filho na sua escrava. Ainda segundo esse poema, a rainha D. Leonor e a irmã do Rei, a infanta D. Joana, teriam disputado a honra de educar D. Jorge. Sabemos que as coisas se não passaram assim, e que o poeta está a favorecer o seu pupilo.

Mas deste poema, tratei num outro trabalho (11) e não pretendo repetir-me. Reparei agora, ao voltar a lê-lo, em mais uma alusão à educação rigorosa dada pela Infanta D. Joana ao sobrinho:

«Depois a irmã (do Rei), que vivia encerrada no seu retiro sombrio, desejava que lho levassem e entregassem, até que a idade lhe reforçasse os membros frágeis e a esperança de ser um homem, e ela pudesse dar-lhe a ocupação que fosse digna de (tal) criança e, procedendo com ele com dureza, proporcionar-lhe uma vida feliz.» (*Poemata*, e vij vº). *Quocum ageret durum: faceret felicius aeuum.*

Também aqui me ocorre um pensamento que não posso comprovar, mas se baseia na prática do século XVI. Numa espécie de econo-

(11) «Cataldo e D. João II», separata de *O Humanismo Português (1500-1600)*. Lisboa, Academia das Ciências, 1988, p. 18 *sub fine* e seguintes.

Sobre a dureza da Infanta, cf. ainda *sicca* em *Poemata*, o viij vº.

mia da salvação eterna, as famílias nobres dedicavam os seus bastardos — que, de resto, eram normalmente tratados como legítimos — à Igreja, para expiação dos pecados da árvore genealógica. Talvez a Infanta visse em D. Jorge um futuro prelado, um cardeal, cuja santa vida redimiria as faltas dos outros. Daí, a dureza e severidade na sua educação.

Mas duma coisa não tenho dúvidas: D. Jorge foi um nobre instruído nas Humanidades e bom conhecedor do latim.

No último poema que Cataldo escreveu e se encontra em manuscrito na Biblioteca Municipal de Évora, o humanista considera-o como o primeiro entre os mestres das Ordens Militares da Península Ibérica, superior a todos os outros em instrução e cultura: *Doctrinis illos superans atque artibus omnes*.

Não temos qualquer razão para duvidar deste juízo, apesar de uma página infeliz que sobre D. Jorge escreveu o Dr. José Hermano Saraiva, na sua *Vida Ignorada de Camões*.

Trata-se de uma anedota do século XVI, minha conhecida muitos anos antes de o Dr. Saraiva a ter mal aproveitado. Vou contá-la, segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro:

«Vindo a Setuval hum Pregador novo disse o mestre ahum criado seu, de que tinha bom conceito queo fosse ouvir porq̃ elle naõ queria ouvillo sem saber primº sua sufficiencia; eo criado que se chamava Aluaro Pestana depois que o ouiuo disse ao mestre que pregava honestam^{te} e era bom humanista; ido o Aluaro Pestana perguntou um de dous criados ao mestre que cousa era ser humanista? e elle querendo lhe responder vio dar de cotouelo ao outro, e enfadandosse disselhe sabeis que cousa he ser humanista? Que não perderaõ nada os que estam por vir em vos outros o nam saberdes.» (Ms. do Rio, p. 58).

A explicação da atitude do Mestre de Santiago e Duque de Coimbra está contida na própria anedota. Ao ver que um dos criados acotovelava o outro, D. Jorge percebeu que estavam a desfrutá-lo e respondeu-lhes desdenhosamente, reduzindo-os à sua inferior condição social e intelectual.

O mais pitoresco é ainda o comentário do Dr. Saraiva: «Pediram a D. Jorge que lhes explicasse o que queria dizer (*humanista*). Mas eles já o sabiam muito bem, quem o não sabia era o mestre, que se embrulhou numas atrapalhadas explicações.» (p. 278).

O mestre de Santiago, segundo a anedota, nem sequer começou a dar explicações...

Esta de D. Jorge, formado na cultura humanística por um humanista, chamado de Itália para o educar, não saber o que era um humanista, é para mim inexplicável.

Há que concluir que o autor da *Vida Ignorada de Camões* ignorava completamente quem era D. Jorge. Aliás, mais tarde, num programa de televisão com a maior audiência, confundiu-o com D. Jaime, duque de Bragança.

A anedota que li, há pouco, dá-nos uma visão do carácter do Senhor D. Jorge, cordial, acessível, a quem os criados fazem perguntas sobre matérias de erudição, a que ele gosta de responder. Duque e Mestre era um grande do reino e no entanto não se colocava a distância excessiva dos inferiores. Com as suas qualidades e defeitos, uma figura representativa da nobreza culta da primeira metade do século XVI, possuidor daquela *humanitas* que, na tradição greco-latina significa «erudição, cultura, ciência», e também «simpatia humana».

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO